

## **ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA POLÍTICA: PROPOSTAS COM BASE NAS TIRAS DA MAFALDA, DIFERENTES LINGUAGENS E TICS**

**Luiz Henrique Andrade<sup>1</sup>, Renata Barrocas<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Licenciado em Geografia pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) e professor efetivo da rede pública de Guarujá - SP. E-mail: [luiz\\_h91@hotmail.com](mailto:luiz_h91@hotmail.com)

<sup>2</sup>Pós-doutora em Geografia pela UFMS/CPAQ e servidora da Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul. E-mail: [renata.barrocas2@gmail.com](mailto:renata.barrocas2@gmail.com)

### **Resumo**

O objetivo desta pesquisa consiste na elaboração de um material didático direcionado aos anos finais do Ensino Fundamental, especialmente oitavo e nono ano, com a finalidade de facilitar o ensino de temáticas relacionadas à Geografia Política. Ao longo deste artigo, dialogaremos com argumentos que confirmam a necessidade de explorar diferentes linguagens de ensino nas aulas de Geografia a fim de potencializar o processo de ensino-aprendizado, enquanto as tecnologias de informação e comunicação (TICs) surgem como auxiliares no estabelecimento de estratégias didáticas. As tiras da Mafalda, enquanto linguagem de ensino, se enquadram na perspectiva de consolidação da aprendizagem significativa, dado que abordam temáticas pertinentes para a contemporaneidade e promovem o desenvolvimento de competências e habilidades assentadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com vistas ao desenvolvimento do raciocínio geográfico. Para tal, idealizamos propostas de atividades, com base nas tiras da Mafalda, apoiadas em um recorte de assuntos que compreendem ao campo da Geografia Política. A construção do material didático foi delineada no intento de aperfeiçoar determinadas suficiências elementares para a formação dos educandos, como o senso de pesquisa, a autonomia, a criticidade e a criatividade.

**Palavras-chave:** Geografia Política. Ensino. Linguagens. Tecnologia da Informação e Comunicação.

**TEACHING STRATEGIES FOR THE TEACHING OF POLITICAL GEOGRAPHY:  
PROPOSALS BASED ON MAFALDA'S STRIPS, DIFFERENT LANGUAGES AND TICS**

### **Abstract**

The objective of this research is the elaboration of a didactic material directed to the final years of Elementary School, especially the eighth and ninth years, in order to facilitate the teaching of themes related to Political Geography. Throughout this article, we will dialogue with arguments that confirm the need to explore different teaching languages in Geography classes in order to enhance the teaching-learning process, while information and communication technologies (ICTs) emerge as auxiliaries in the establishment of strategies didactic. Mafalda's strips, as a teaching language, fit into the perspective of consolidating meaningful learning, as they address relevant themes for contemporary times and promote the development of skills and abilities based on the National Common Curricular Base (BNCC), with a view to developing of geographic reasoning. To this end, we idealized proposals for activities, based on Mafalda's strips, supported by a cut of subjects that comprise the field of Political Geography. The construction of the didactic material was designed in an attempt to improve certain elementary sufficiency for the education of students, such as the sense of research, autonomy, criticality and creativity.

**Keywords:** Political Geography. Teaching. Languages. Information and communication technologies

## ESTRATEGIAS DIDÁCTICAS PARA LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA POLÍTICA: PROPUESTAS A PARTIR DE LAS TIRAS DE MAFALDA, DIFERENTES LENGUAS Y TICS

### Resumen

El objetivo de esta investigación es la elaboración de un material didáctico dirigido a los últimos años de la Enseñanza Fundamental, especialmente a los años octavo y noveno, con el fin de facilitar la enseñanza de temas relacionados con la Geografía Política. A lo largo de este artículo dialogaremos con argumentos que confirman la necesidad de explorar diferentes lenguajes didácticos en las clases de Geografía con el fin de potenciar el proceso de enseñanza-aprendizaje, mientras que las tecnologías de la información y la comunicación (TIC) emergen como auxiliares en el establecimiento de estrategias didácticas. Las tiras de Mafalda, como lenguaje de enseñanza, se inscriben en la perspectiva de consolidar aprendizajes significativos, pues abordan temas relevantes para la contemporaneidad y promueven el desarrollo de competencias y habilidades a partir de la Base Curricular Común Nacional (BNCC), con miras al desarrollo de razonamiento geográfico. Para ello, idealizamos propuestas de actividades, a partir de las tiras de Mafalda, apoyadas en un corte de temas que componen el campo de la Geografía Política. La construcción del material didáctico se diseñó buscando mejorar ciertas suficiencias elementales para la formación de los estudiantes, como el sentido de la investigación, la autonomía, la criticidad y la creatividad.

**Palabras-clave:** Geografía Política. Enseñando. Lenguajes. Tecnologías de la información y la comunicación.

### INTRODUÇÃO

A iniciativa primária do presente trabalho consiste na elaboração de um material didático orientado aos anos finais do Ensino Fundamental, especialmente o oitavo e nono ano, a fim de facilitar o desenvolvimento de temas relacionados à Geografia Política em sala de aula. Considerando que as diversas linguagens de ensino atuam como elementos cruciais na consolidação da aprendizagem significativa, exploramos as histórias de quadrinhos da Mafalda, idealizada por Quino, como mote central para a construção de propostas de atividades relacionadas às temáticas de Geografia Política, associando-as a outras linguagens e tecnologias de informação e comunicação (TICs) para alicerçar nossos propósitos.

A discussão de metodologias e práticas de ensino e a vivência no estágio supervisionado ao longo da graduação justificam a primazia pela temática descrita, uma vez que a ausência de recursos direcionados ao ensino de Geografia Política dificulta na exposição de variados assuntos pelo educador e, de certo modo, reflete na percepção dos alunos com relação à Geografia enquanto componente curricular, prejudicando o estabelecimento de conexões relativas ao espaço vivido dos educandos. Assim, a concepção de estratégias de ensino que fomentem e desenvolvam o raciocínio geográfico se tornam necessárias.

A pesquisa de iniciação científica, realizada junto ao curso de licenciatura em Geografia da Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES), propiciou diálogos que confirmam a premência de estabelecer práticas didáticas com a finalidade de proporcionar a identificação do indivíduo com a Geografia, articulando viabilidades de transposição didática

aos educadores e fazendo com que os temas da Geografia Política não pareçam complexos e abstratos na perspectiva discente.

A utilização de diferentes recursos didáticos em sala de aula tem se mostrado como uma possibilidade viável para o corpo docente elucidar uma série de proposições e manifestações, acima de tudo, por meio de metodologias didático-pedagógicas que objetivam a aprendizagem através de abundantes panoramas, de maneira que facilite a compreensão de consideráveis temas pelos educandos. Com base neste pressuposto, o aproveitamento de distintas linguagens de ensino e as TICs contribui junto às metodologias direcionadas à Geografia Escolar, como também à Geografia Política, sendo este nosso eixo de abordagem para o desenvolvimento do raciocínio geográfico.

Para tal, optamos pela criação de um *website* com propostas de atividades que incentivem não apenas a discussão de Geografia Política nos anos finais do Ensino Fundamental, mas também que funcionem como um recurso alternativo para o professor explorar em sala de aula e integrar ao seu planejamento cotidiano. O *website* foi engendrado por intermédio de quatro categorias de análise que corroboram com nossos objetivos ao desenvolver habilidades que estimulem o raciocínio geográfico em consonância com as diretrizes presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Com intuito de sustentar o embasamento teórico da pesquisa, usufruímos de sólidos referenciais que contribuíram para a estruturação do projeto e a elaboração do produto final. Assim, as autoras Lana de Souza Cavalcanti (2015) e Sônia Castellar, Jerusa Vilhena (2010) se sobressaíram em tópicos relacionados à Geografia Escolar; Vesentini (2007) e Iná de Castro (2005) na apropriação referente a assuntos da Geografia Política e Geopolítica; para a discussão acerca do uso das histórias em quadrinhos nas escolas, tivemos Waldomiro Vergueiro, Ângela Rama (2004) e Eunice Silva (2016), propiciando argumentos fundamentais; Quino (2003) foi preponderante ao ilustrar a criticidade em relação ao mundo através dos seus personagens; e Liana Gottlieb (1996), a qual retratou uma análise escolar a partir das tiras da Mafalda. Ademais, nos orientamos em autores que conversam acerca dos proveitos das TICs na educação, como Freitas (2010) e Pereira (2020).

No decurso deste artigo, discorreremos a respeito da importância do uso das linguagens de ensino para as aulas de Geografia, de modo que permitam um intercâmbio com as TICs por meio de atividades dinâmicas. Além disso, apresentaremos o *website* como produto final e detalhes das propostas desenvolvidas com suporte nas tiras da Mafalda.

## **LINGUAGENS DE ENSINO, MAFALDA E GEOGRAFIA: UM INTERCÂMBIO NECESSÁRIO**

O emprego de metodologias didático-pedagógicas fundamentadas na memorização de conteúdos e no ensino mecânico é recorrente em muitas escolas do Brasil, denotando a presença do ensino tradicional e técnicas relacionadas à “educação bancária”, apontada por Paulo Freire (1996), na qual sugere a existência de uma hierarquia em sala de aula em que o professor é o “único detentor do saber”, enquanto o aluno “recebe o conhecimento”.

No entanto, a educação contemporânea carece de inovações que dinamizem as aulas e as tornem menos tediosas para os educandos, de modo a despertar o interesse para as asserções debatidas em quaisquer componentes curriculares, ao passo que também auxiliem o

professor a ministrar suas ideias. A Geografia, durante muitos anos, se enquadrou nesta perspectiva conteudista e suscitava questionamentos entre os indivíduos sobre a sua real função para formação cidadã, conforme Yves Lacoste (2002) já sinalizava no passado:

Uma disciplina maçante, mas antes de tudo simplória, pois, como qualquer um sabe, “em Geografia nada há para entender, mas é preciso ter memória...” De qualquer forma, após alguns anos, os alunos não querem mais ouvir falar dessas aulas que enumeram, para cada região ou para cada país, o relevo – clima – vegetação – população – agricultura – cidades – indústrias (LACOSTE, 2002, p. 21).

Desta forma, a aplicabilidade de distintas linguagens de ensino, sobretudo a partir da década de 2000, se torna imprescindível para quebrar os paradigmas assentados em outra época e salientar acerca da importância da Geografia enquanto uma ciência que, principalmente, levanta reflexões e críticas desde o espaço vivido dos indivíduos. Além do mais, a oferta de novos recursos didáticos potencializa o processo de ensino-aprendizagem dentro do ambiente escolar. As autoras Sandra Castellar e Jerusa Vilhena (2010) ressaltam sobre a importância do emprego de variadas linguagens de ensino:

É nesse contexto que as iniciativas dos professores não devem ficar restritas a um tipo de texto ou de linguagem. Se o objetivo das aulas, entre outros, é ampliar a capacidade crítica do aluno, é preciso propor situações em que ele possa confrontar ideias, questionar fatos com argumentação e, ao mesmo tempo, facilitar-lhe o acesso aos vários gêneros de textos e linguagens (VILHENA e CASTELLAR, 2010, p. 65).

No final do século XX, especialistas já indicavam sobre a urgência de diversificar as estratégias didáticas em sala de aula. Kenski (1996, p. 132), cita em seu capítulo na obra “*Didática: o ensino e suas relações*”: “na verdade somos todos da geração alfabética – da aprendizagem por meio do texto escrito, da leitura do artigo. Somos analfabetos para a leitura das imagens, dos sons”, e complementa:

Estes alunos estão acostumados a aprender através dos sons, das cores; através das imagens fixas das fotografias, ou em movimento, nos filmes e programas televisivos. Aprendem através de processos em que existem interações totais entre o plano racional e o afetivo. O mundo desses alunos é polifônico e policrômico. É cheio de cores, imagens e sons. Muito distante do espaço quase que exclusivamente monótono, monofônico e monocromático que a escola costuma lhes oferecer (KENSKI, 1996, p. 133).

A utilização das linguagens de ensino em classe deve ser acompanhada por um processo de planejamento e organização adequado na intenção de que a sua aplicação seja edificante e, de fato, contribua para a construção do conhecimento pelos estudantes. Assim, os recursos didáticos não devem ser usados de maneira aleatória, mas com o intuito de desenvolver uma rede de conceitos junto aos educandos que facilitem a assimilação dos assuntos propostos e, também, aprimorem o senso crítico e a autonomia dos citados. Silva (2010) ressalta que:

É necessário lucidez para compreender e utilizar adequadamente outras linguagens na escola. O seu uso na formação escolar deve ser com o intuito

de contribuir para que as pessoas tenham olhar atento e crítico e que se expressem como sujeitos ativos e autônomos, na convivência do dia-a-dia (SILVA, 2010, p. 34).

A aplicação das linguagens de ensino nos sistemas didáticos geralmente se aproxima de questões inerentes à realidade do indivíduo, permitindo que seja criado um processo de identificação em relação ao assunto que está sendo discutido em classe. A música, os recursos audiovisuais, o manuseio de imagens, a dramatização, os poemas, os jogos e as histórias em quadrinhos são um pequeno número de opções que podem ser aproveitados nas escolas com êxito, afora outros que poderiam ser mencionados. As histórias em quadrinhos, inclusive, equivalem ao recurso nodal a ser manipulado ao longo desta pesquisa.

As histórias em quadrinhos, cartuns e charges são, normalmente, tipos de linguagens correntes nos meios de ensino como uma maneira divertida de abordar inúmeros temas pelo docente mediante propostas de atividades práticas e teóricas. Os quadrinhos, que outrora foram condenados como uma “má-influência” aos jovens, estão cada vez mais difundidos nos livros didáticos e contribuem para a aproximação dos alunos com a esfera escolar.

Ao exprimir figuras de linguagens, como a ironia e a metáfora, e favorecido com uma alfabetização singular composta de balões, onomatopeias e signos, as histórias em quadrinhos manifestam-se como um elemento adicional nas aulas de Geografia ao apoiar a apropriação do conhecimento de modo interativo e assegurar discussões sob inúmeras perspectivas. Silva (2010) sublinha:

Observa-se que a maioria dos alunos gosta desse tipo de recurso didático, quando usado de forma complementar aos conteúdos estudados. Motiva a discussão e reflexão, tornando a aula mais receptiva e agradável e, principalmente, estimula uma leitura mais apurada da realidade vivida e a desmistificação da ideologia que permeia as relações sociais e políticas do mundo. (SILVA, 2010, p. 144)

A personagem Mafalda, na condição de interlocutora deste trabalho, desponta como figura central para a elaboração do material didático pretendido. Presença habitual nos livros didáticos, as tiras da personagem oportunizam diálogos em diversas escalas de análise, além de promover reflexões e críticas sobre temáticas pertinentes ao cotidiano e, em relação ao presente estudo, para os temas da Geografia Política.

A Mafalda foi criada em 1963 pelo cartunista argentino Quino em um período no qual as instabilidades políticas, sociais e econômicas eram constantes, com conflitos que obtinham considerável proeminência a nível mundial. Aliado a isso, a censura e a repressão funcionaram como estímulo ao autor para criar a “Mafalda e sua turma”, dispondo das histórias em quadrinhos como um modo de expressão a respeito vulnerabilidades que a sociedade vivia.

Apesar de ser uma personagem concebida nos anos 1960, os temas abordados nas tiras da Mafalda continuam sendo atuais e, por este ângulo, despertam o interesse para a sua aplicabilidade em âmbito escolar. O posicionamento incisivo da Mafalda referente a política, economia, educação, entre outros tópicos, refletem a realidade e permitem a identificação da personagem com o leitor.

Ainda que a representação infantil seja notável nas histórias, Quino consegue simbolizar os múltiplos sentimentos em relação aos obstáculos culturais e sociais através dos seus traços artísticos, usufruindo das expressões faciais dos personagens para explicitar suas indignações, como destaca Gottlieb (1996):

O leitor da MAFALDA consegue “ler” com facilidade o que as personagens estão sentindo, tanto pela expressão facial quanto pela expressão corporal. Quino faz suas personagens vivenciarem de tudo. Aparecem: medo, angústia, depressão, entorpecimento, estupefação, raiva, alegria, tristeza, candura, amor, exaltação, amizade, desconfiança, revolta, impotência, indignação, dúvida, sofrimento, etc. (GOTTSLIEB, 1996, p. 181)

É conveniente mencionar que as histórias em quadrinhos podem ser associadas a outras linguagens de ensino e tecnologias da informação e comunicação (TICs), permitindo a integração e flexibilidade para a aplicação em sala de aula e, acima de tudo, por se caracterizarem como domínio público. Partindo de uma história em quadrinhos, é possível elaborar exercícios que englobem outros objetivos de aprendizagem, como a pesquisa e a criatividade, por meio da intersecção com vários recursos didáticos, tais qual a música e os meios audiovisuais, ampliando a capacidade de assimilação dos estudantes acerca de profundas temáticas da Geografia.

Contudo, é preciso se atentar às constantes mudanças que a esfera educacional vem se submetendo frente a diversos fatores, como as condições estruturais das próprias escolas que, muitas vezes, não oferecem a configuração satisfatória para os professores adotarem a diversificação das metodologias didático-pedagógicas.

## **CAMINHOS PARA UM ENSINO HÍBRIDO ATRAVÉS DAS TICs**

Os constantes avanços tecnológicos decorrentes do processo de Globalização experimentados pela contemporaneidade refletem, como consequência, na adequação da esfera educacional às estratégias didáticas que usufruam da tecnologia disponível e se apropriem da modernidade para modificar as práticas pedagógicas em sala de aula, tornando-as menos obsoletas.

Neste contexto, as tecnologias de informação e comunicação (TICs) despontam como aliadas no processo de ensino-aprendizagem, considerando que os jovens permanecem conectados com frequência apreciável e, deste modo, os professores devem buscar maneiras de inserir as TICs e as ferramentas digitais nos planejamentos de forma que a realidade vivida pelos indivíduos seja pensada por este decurso.

As tecnologias de informação e comunicação são designadas como toda e qualquer tecnologia que dialoga com a informação e sustenta a comunicação, como hardwares, softwares, celulares e demais mídias. A professora Lana Cavalcanti (2015) defende a “cultura da mídia” ao explicar no que concerne a presença das TICs nas escolas, ressaltando a competência na adoção de procedimentos didáticos proativos e menos tradicionais. A autora frisa:

Considero necessário, no entanto, indicar aqui o empenho em utilizar o máximo possível os recursos tecnológicos disponíveis na escola, em função do seu valor didático, não apenas por estar consoante com a cultura dos alunos, podendo assim motivá-los mais para os estudos, mas também porque por eles é possível potencializar a aprendizagem, seja pelo acesso à informação e pelo intercâmbio que oferecem, seja pelas possibilidades de interatividade e simulação de exercícios, o que pode explorar a construção mental (CAVALCANTI, 2015, p. 184)

A Base Nacional Comum Curricular, em suas normativas, defende o uso das TICs em sala de aula e reafirma a importância da imersão tecnológica nas escolas para estimular o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. A quinta competência, denominada de Cultura Digital no documento, destaca:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2017, p. 9).

A disseminação das TICs e o letramento digital se complementam como meios eficazes para a abordagem de temas complexos em classe e, no tocante da Geografia, atuam por características significativas para solidificar o raciocínio geográfico. O letramento digital é definido por Freitas (2010):

O conjunto de competências necessárias para que um indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vindas de variadas fontes e apresentada por meio de computador – internet, sendo capaz de atingir seus objetivos, muitas vezes compartilhados social e culturalmente (FREITAS, 2010, p. 339).

Ao partir deste pressuposto, entende-se que o professor letrado digitalmente deve utilizar as TICs com organização e de forma que a inserção deste produto faça sentido dentro da sua proposta de aula. A incorporação dos meios digitais deve ser realizada paulatinamente para permitir a adaptação tanto do professor quanto do aluno, pois a acessibilidade à internet não é a uma realidade compartilhada de maneira homogênea pelos indivíduos. Pereira (2020) ressalta a importância do uso das TICs para que os alunos compreendam a sociedade em que estão inseridos, mas desde que o letramento digital seja empregado com excelência:

Para tal, é necessário que os professores saibam conduzir esse processo, pois do contrário, pode se tornar uma simples troca de suporte na qual a aula será desenvolvida; ou seja, deixa de utilizar o quadro de giz ou canetão e passa a utilizar o projetor (PEREIRA, 2020, p. 6).

Por mais que as tecnologias de informação e comunicação e o letramento digital se sobressaiam como facilitadores na condição de recursos didáticos, estamos cientes de que as deficiências socioestruturais existem nas escolas do país e não devem ser ignoradas em um projeto de pesquisa. Porém, consideramos que a intenção de propiciar avanços na educação,

mesmo que mínimos, configuram como um caminho viável para a abertura de inúmeras possibilidades.

A pandemia de COVID-19 evidenciou as disparidades sociais em escala nacional ao passo que despertou perspectivas no tocante do ensino híbrido. Por este lado, as TICs ocupam a incumbência basilar de indicar alternativas para os educadores lidarem em sala de aula e diversificar seus procedimentos didáticos no intuito de atender às modificações assíduas pelas quais a educação necessita.

Ainda é interessante notar que, enquanto muitas escolas sequer possuem parâmetros tecnológicos básicos, outras dispõem recursos como computadores e tablets, mas os subutilizam, entravando o alcance dos professores e seus programas no empenho de construir aulas que realmente sejam significativas para os estudantes e façam parte do mundo deles. Cavalcanti (2015) confirma:

Enquanto isso, muitas escolas permanecem muito pobres em recursos didáticos, muitos distantes das inovações tecnológicas, ao passo que outras escolas não utilizam e/ou subutilizam os equipamentos que tem. Mesmo que seja assim, o professor já não pode realizar seu trabalho em sala de aula sem levar em conta esse mundo, porque é o mundo dos alunos, é a sua linguagem (CAVALCANTI, 2015, p. 182).

As TICs, então, na conjuntura de agregadora das linguagens de ensino, significam uma etapa processual para a constituição do ensino híbrido, mas sem diminuir outras práticas didáticas, conforme assinala Silva (2010):

Cabe lembrar que a adoção de novas tecnologias na sala de aula não significa excluir outras formas, como, por exemplo, as tradicionais aulas expositivas, mas permitir que não se fique somente nelas. Compete também ao professor perceber qual tecnologia se aplica melhor a determinado conteúdo e discutir isso com seus alunos. E também verificar o que mais os motiva e interessa diálogo esse tão importante entre os sujeitos do processo ensino aprendizagem (SILVA, 2016, p. 110).

Em síntese, as metas almejadas no que diz respeito à aplicabilidade das TICs na educação dialogam com as pretensões estabelecidas através do material didático que elaboramos para os anos finais do Ensino Fundamental. O *website*, produto a ser apresentado na sequência, não se inclina para a inovação ou ineditismo, mas se distingue na intenção de ofertar alternativas para a Geografia Escolar e auxiliar tanto no processo de identificação dos estudantes quanto oferecer apoio aos professores.

## **PLURALIDADES GEOGRÁFICAS: O PRODUTO FINAL**

A Geografia Política foi definida como enfoque primordial da pesquisa apoiado em coeficientes prévios que justificam a escolha da área para a abordagem no material didático. O aprendizado adquirido ao longo do cumprimento do estágio supervisionado e a leitura de artigos no componente curricular de Metodologia e Práticas de Ensino se enquadram nesta perspectiva, à medida que as diretrizes estabelecidas para a Geografia na Base Nacional

Comum Curricular (BNCC) possibilitaram reflexões críticas quanto ao processo de construção do raciocínio geográfico em sala de aula, essencial para a construção do projeto.

Como contribuição para suportar o argumento acima, na fase inicial da pesquisa, foi efetuado um levantamento com nove professores de escolas (públicas e particulares) da Baixada Santista acerca dos temas que poderiam ser abordados através das tiras da Mafalda e sobre as dificuldades encontradas para ensinar Geografia Política nas aulas. Como retorno, os docentes alegaram que a ausência de recursos didáticos aliada ao desinteresse dos alunos complexificava o processo de ensino-aprendizagem no que diz respeito às abordagens da Geografia Política. Destarte, um material didático que auxiliasse neste decurso seria de utilidade ímpar para os docentes.

Com a finalidade de elucidar e diferenciar os conceitos de Geografia Política e Geopolítica recorremos a autores como Vesentini (2007) e Iná de Castro (2005) como referências para apoiar nas abordagens destes conceitos. A Geografia Política compreende a um conjunto de relações atribuídas à política – esfera de expressão responsável pela organização espacial e gestão de debates socioeconômicos – e território – espaço produzido pela sociedade a partir de elos de poder, materializado em fronteiras e delimitações, como destaca Castro (2005):

A Geografia Política pode então ser compreendida como um conjunto de ideias políticas e acadêmicas sobre as relações da geografia com a política e vice-versa. O conhecimento por ela produzido resulta da interpretação dos fatos políticos, em diferentes momentos e em diferentes escalas, com suporte numa reflexão teórico-conceitual desenvolvida na própria geografia ou em outros campos como a ciência política, sociologia, antropologia, relações internacionais etc. A dupla necessidade de dar uma resposta acadêmica sobre os fundamentos geográficos para eventos políticos e a preocupação de legitimar a sua análise a partir de um enquadramento intelectual em modelos teóricos reconhecidos resultaram numa forte contextualização da disciplina, tanto em termos dos temas centrais como das opções metodológicas, além das práticas, de muitos dos seus formuladores (CASTRO, 2005, p. 17).

A Geopolítica, entretanto, está diretamente relacionada a estratégias que visam a manutenção do poder e o estabelecimento de políticas direcionadas à militarização e o expansionismo territorial, ainda sendo uma tendência nos dias atuais. Vesentini (2007) define a Geopolítica, numa perspectiva contemporânea:

Já a Geopolítica, surgida no início do século XX, tem como preocupação fundamental a questão da correlação das forças – antes vista como militar, mas hoje como econômico-tecnológica, cultural e social – no âmbito territorial, com ênfase no espaço mundial (VESENTINI, 2005, p. 10).

Com base nos conceitos explicitados acima, as possibilidades de desenvolver temáticas como a segregação socioespacial, os fluxos migratórios e a nova ordem mundial nos anos finais do Ensino Fundamental se tornam viáveis, uma vez que são assuntos presentes no cotidiano dos indivíduos e atendem aos princípios da Geografia Política.

Para a elaboração do produto, atuamos sob variadas frentes que se integraram com vista ao resultado final. Após a leitura aprofundada dos referenciais teóricos, a obra de Quino foi examinada em sua totalidade a fim de selecionar as histórias em quadrinhos da Mafalda que melhor se encaixavam no nosso objetivo. Para tal, delimitamos quatro categorias de análise que condizem com as temáticas de Geografia Política e constam nas habilidades pretendidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). São elas: Nova Ordem Mundial, fluxos migratórios, segregação socioespacial e relações entre Cartografia e Geografia Política.

Após a definição dos temas, fizemos uma seleção das histórias em quadrinhos relacionadas, a partir da leitura da obra “*Toda Mafalda*” que, mediante a triagens de adequação, alcançamos o saldo final de quatro tiras, que serviram como embasamento para a construção de propostas de atividades orientadas a facilitar o tratamento da Geografia Política nos anos finais do Ensino Fundamental. Na sequência abaixo (figuras 1, 2, 3 e 4), temos a seleção de tirinhas escolhidas para o desenvolvimento dos conteúdos referentes aos assuntos especificados anteriormente:

**Figura 1:** Tira a respeito de Nova Ordem Mundial



Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, p. 152

**Figura 2:** Tira sobre fluxos migratórios



Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, p. 134

**Figura 3:** Tira que exprime a segregação socioespacial



Fonte: Quino, Toda Mafalda, p. 67

**Figura 4:** Tira sobre a relação entre Cartografia e Geografia Política



Fonte: Quino, Toda Mafalda, p. 118

O próximo aspecto discutido foi relativo ao formato que o material didático deveria adquirir. Para tal, foi preciso considerar o nível de facilidade para a acessibilidade em relação aos docentes e a preocupação com o baixo custo do produto. Logo, apuramos que um *website* seria o modelo acertado para a concepção do objeto, ao passo que o aludido recurso também se enquadrava como uma tecnologia de informação e comunicação (TICs).

Então, a construção do *website* foi iniciada com hospedagem na plataforma WIX, dispondo de serviços gratuitos e ferramentas diversificadas que tencionam a organização visual de acordo com os propósitos aspirados. A página da web foi denominada de “Pluralidades Geográficas”, já que contempla finitas linguagens de ensino, TICs e oferece uma pluralidade singular ao ensino da Geografia. O material pode ser acessado pelo link a seguir: <https://luizh91.wixsite.com/plurigeo>

O acesso ao *website* pode ser realizado tanto pelo celular quanto pelo computador, oferecendo um visual limpo e espontâneo, com manipulação pouco complexa, visando facilitar a consulta pelos professores. A seguir, podemos observar o *design* da página principal do *website* (figura 5):

**Figura 5:** Página inicial do *website*



**Fonte:** elaborado pelo autor

O arranjo funcional do “Pluralidades Geográficas” está segmentado a partir de quatro seções, orientadas pelas temáticas da Geografia Política e estruturadas com base na história em quadrinhos optada, um texto-base que discorre sobre o tema em questão, os eixos da BNCC nos quais as atividades se enquadram e, por fim, apontamos de duas a quatro propostas de atividades elaboradas a partir da tira da Mafalda e organizadas em sequências didáticas que permitem a assimilação imediata pelo docente.

As tarefas foram idealizadas com prioridade ao desenvolvimento do raciocínio geográfico do estudante e pautadas nos sete princípios descritos pela BNCC: localização, conexão, analogia, distribuição, diferenciação, extensão e ordem. Por meio das propostas, espera-se que seja possível promover o senso de pesquisa dos alunos e o incentivo à investigação sobre os assuntos mencionados, aproximando-os de veículos científicos.

A percepção dos estudantes quanto às categorias da Geografia também foi abordada ao longo das atividades, promovendo a observação da paisagem e noções de ocupação do território, além de menções à categoria de lugar. Este tipo de apontamento é crucial para que o indivíduo note acerca das modificações do espaço pelo homem e compreenda o seu papel como elemento de produção e reprodução do espaço geográfico. As representações cartográficas, como croquis, colaboram neste processo e constam no material didático.

As TICs se destacam no produto ao agirem como complemento às linguagens de ensino empregadas, adquirindo uma função agregadora no projeto. Apesar do próprio *website* já se encaixar como uma TIC, lidamos com plataformas digitais e aplicativos que permitem a criação de apresentações, como o *Padlet*. Este recurso, inclusive, surge como uma alternativa essencial para discutir os temas de Geografia Política, visto que admite a criação de murais, estimula a criatividade dos alunos e motiva os debates após a visualização dos resultados.

A iniciativa de articular as tiras da Mafalda com outras linguagens de ensino e as TICs engendra um processo no qual as histórias em quadrinhos assumem uma conotação compatível com a transposição didática, na medida que a ideia se baseia no fato de transpor um conhecimento essencialmente acadêmico para a linguagem escolar, aproximando-o da realidade do estudante. Assentado neste pretexto, podemos afirmar que o projeto busca efetivar uma transposição didática com suporte nas tiras da Mafalda para possibilitar o ensino de Geografia Política para os anos finais do Ensino Fundamental.

## AS PROPOSTAS E SEUS DETALHES: DIVERSIFICAÇÃO DE LINGUAGENS E TECNOLOGIAS

Como consequência das informações descritas acima, faz-se necessário esmiuçar as seções do *website* no intuito de esclarecer quanto às linguagens de ensino e tecnologias aplicadas para as propostas dos objetos definidos e referentes ao campo da Geografia Política. Na ramificação de “Nova Ordem Mundial”, são evidenciadas quatro propostas com propostas dissemelhantes.

Cada uma das propostas descritas a seguir detém a utilização de recursos didáticos específicos que serão detalhados ao longo do escrito. Os exemplos referentes às atividades esquematizadas ajudam a contextualizar suas aplicações e possibilitam o melhor entendimento acerca dos modos de execução das tarefas em sala de aula.

A primeira proposta, “jogo de perguntas e debate”, busca solidificar a aprendizagem significativa dos estudantes associando os quadrinhos, jogos e debates. Por meio destes recursos, objetiva-se que os educandos analisem determinados períodos históricos e as mudanças decorridas no espaço geográfico através do estabelecimento da ordem mundial no pós-guerra e, também, a nova ordem mundial após os anos 1990. É sugerida uma sequência didática coerente, com possibilidades de adaptações ao planejamento do professor.

A proposta seguinte, “*Padlet* interativo”, promove a conciliação da linguagem dos quadrinhos com ferramentas tecnológicas, como o *Padlet*, de modo que os estudantes estejam aptos a expressar suas aprendizagens por plataformas interativas, dinâmicas e modernas. Além do mais, a atividade desperta a capacidade de interpretação individual e o senso de coletividade, uma vez que os escritos disponíveis no *Padlet* são visíveis para todos. Abaixo (figura 6), temos um modelo de esquematização da tarefa no *Padlet*:

**Figura 6:** Sugestão de esquematização do *Padlet*



**Fonte:** elaborado pelo autor

Terceira atividade da seção de “Nova Ordem Mundial”, o “acróstico coletivo” denota características de interdisciplinaridade ao gozar de elementos do componente curricular de Língua Portuguesa, já que o acróstico é uma versificação na qual há uma combinação de letras. Assim, nesta proposta recomenda-se que os estudantes, de forma coletiva e organizada, se apropriem da frase “Ordem Mundial” para derivar palavras que estejam relacionadas a temática e, deste modo, desenvolvam o discernimento analítico, observador e interpretativo. O esquema (figura 7) nos mostra como seria o resultado de um possível acróstico:

**Figura 7:** Possível acróstico para a atividade descrita

Sugestão de acróstico:

OMC/OTAN/OPEP	Multipolarização
Regionalização mundial	Unipolaridade
Disputas	Neoliberalismo
Espaço	Divisão internacional do trabalho (DIT)
Muro de Bertim	Ideologias
	Armas
	Liberalismo

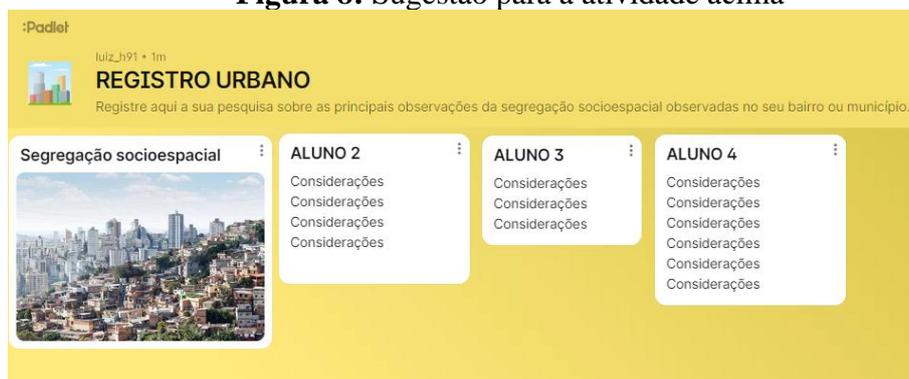
**Fonte:** elaborado pelo autor

A última proposta, “quadrinhos e linguagem jornalística”, conecta os quadrinhos a uma linguagem próxima do cotidiano, a jornalística. Por meio da abordagem deste recurso, os indivíduos conseguem assimilar as exposições relativas à “Nova Ordem Mundial” com enfoques na sua realidade vivida, tendo em vista que os fatos mundiais são noticiados periodicamente pelos veículos da informação. Na sequência didática desta tarefa, sugerimos investigações em fontes fidedignas que possam indicar a emergência de uma “Nova Ordem Mundial” com premissa na pandemia de COVID-19 e a ascensão da China como potência influente.

A seção subsequente, relativa ao assunto de “segregação socioespacial”, conserva seu enfoque para as categorias geográficas de território e paisagem, bem como o aproveitamento de estratégias didáticas como a cartografia e os recursos audiovisuais. Este seccionamento detém três propostas com objetivos distintos. A primeira delas, “pesquisa e registro urbano”, une os quadrinhos, as fotografias e as TICs de maneira profícua.

Aqui, preconiza-se que o alunado interprete a tira da Mafalda e faça uma pesquisa sobre a fragmentação do espaço urbano, registrando suas apurações no *Padlet* através da escrita e do uso de imagens que aludem ao tema. A prática tenta desenvolver a experiência de pesquisas pelos educandos a partir de situações e circunstâncias presentes em seu espaço vivido, assim como a percepção sobre as desigualdades socioeconômicas que se manifestam por entre o espaço geográfico, possibilitando a construção de um cidadão analítico e crítico. Uma recomendação para o exercício é demonstrada em seguida (figura 8):

**Figura 8:** Sugestão para a atividade acima



**Fonte:** elaborado pelo autor

O território e a paisagem se juntam às representações cartográficas na segunda proposta, nomeada de “olhar territorial e a paisagem”. Neste ponto, aconselha-se que o professor apresente a aula expositiva e a tira da Mafalda para os indivíduos e, depois, estes realizem observações no território do seu bairro ou município a fim de notar evidências da segregação socioespacial. Posteriormente, o educando deve traçar um croquis que demonstre as impressões encontradas no processo empírico.

É importante ressaltar que, até o momento, os recursos didáticos levantados foram díspares e confirmam a gama de alternativas planejadas para este projeto. A última atividade da seção de “segregação socioespacial”, denominada “união de linguagens”, traz o audiovisual como caminho para manuseio em sala de aula. Desta maneira, é indicado que o educador veicule um documentário sobre o mote e, adiante, solicite que os estudantes apontem elementos em comum entre o vídeo e a tira da Mafalda. Esta metodologia visa o raciocínio geográfico com base em conexões estabelecidas entre as linguagens apropriadas.

No segmento de “fluxos migratórios”, os artifícios didáticos continuam a se diversificar, mas sempre em diálogo com a história da Mafalda correspondente. Em “investigando noções”, a primeira atividade desta seção, há uma tentativa válida para aliar os quadrinhos e a gamificação. Para a execução da proposta, foram confeccionados *cards* com os nomes de um pequeno número de países que detêm altos índices de fluxos migratórios (Venezuela, Espanha, México, Turquia, Estados Unidos, Brasil e Síria).

Com a ciência das nações presentes no material, os educandos devem se dividir em grupos, realizar um sorteio e, com o *card* em mãos, pesquisar em meios científicos sobre as características dos fluxos migratórios do país sorteado. Na sequência didática exposta no *website*, há sugestões de questões que podem ser examinadas pelos grupos. Após a finalização deste processo, o trabalho deve ser apresentado para a classe. O estímulo a pesquisa, mais uma vez, se faz presente como um elemento essencial para a formação dos estudantes. A gamificação se enquadra na perspectiva de motivação para os discentes. Uma opção para confecção dos *cards* se apresenta abaixo (figura 9):

**Figura 9:** Sugestão de *cards*



**Fonte:** elaborado pelo autor

A proposta seguinte, “passado e presente”, é simples, porém com objetivos patentes. Com o propósito de propiciar a interdisciplinaridade entre a Geografia e a História, sugere-se uma breve discussão em torno da tira da Mafalda condizente e, considerando que a

personagem advém da década de 60, instigar os estudantes a refletirem acerca dos quadros de deslocamentos migratórios no passado. Através deste panorama, os indivíduos devem construir um infográfico ou um mapa mental que pondere as principais diferenças entre os fluxos migratórios do passado e os atuais, em escala nacional e internacional, conforme exemplificado a seguir (figura 10):

**Figura 10:** Possível exemplo de infográfico para a atividade



**Fonte:** elaborado pelo autor

O docente, na função de mediador do processo, deve ofertar recomendações de aplicativos e programas que sejam viáveis para a preparação da tarefa. Não havendo disponibilidade tecnológica por parte do estudante, o mapa mental ou infográfico é passível de realização manual. Na última proposta deste corte, designada “os fluxos migratórios e a música”, há justamente a aparição da linguagem de ensino mencionada no título da atividade. A música, enquanto produto cultural com potencial para ser recurso didático, desponta no projeto com esta condição.

Em “os fluxos migratórios e a música”, pretende-se que o aluno aprenda a distinguir os refugiados dos demais grupos migratórios, abusando da associação entre os quadrinhos e a linguagem musical para tal fim. De antemão, a classe deve interpretar a tira da Mafalda com explicações do professor sobre as características dos refugiados. Logo após, o educador deve exteriorizar a música “Sonho Imigrante”, de Milton Nascimento, para a sala com a finalidade de que eles percebam as nuances sobre o tema discorrido existentes na letra da música. Como finalização da atividade, os alunos devem investigar sobre algum grupo migratório específico

e indicar os obstáculos enfrentados por estes povos (refugiados climáticos, por conflitos, pobreza, entre outros).

Na parcela final do *website*, direcionada ao tema de “Cartografia e Geografia Política”, foram compostas duas propostas para a prática do assunto em sala de aula. Uma delas é a “Geografia Política e a cartografia local”. Nela, pretende-se enfatizar a importância dos mapas para a Geografia Política e, principalmente, para fins de planejamento. Utilizando uma carta do município, o professor deve requerer aos educandos que apontem no mapa em relação à problemas existentes no território municipal e proponham soluções compatíveis com a realidade local. Esta atividade torna possível que o estudante adquira uma visão questionadora sobre o espaço em que vive.

Para finalizar este detalhamento, o exercício “a Geografia Política e a Geopolítica” busca suscitar as singularidades concernentes aos campos de estudo que, muitas vezes, são tratados erroneamente como sinônimos. Com a exibição de mapas com regionalizações fundamentadas em critérios socioeconômicos de duas épocas distintas, espera-se que os alunos analisem as representações cartográficas e verifiquem, baseado na Geopolítica atual, se uma nova configuração cartográfica poderia ser construída para o momento atual. Recomenda-se a utilização dos mapas abaixo (figuras 11 e 12) para a tarefa:

**Figura 11:** Mapas para uso na proposta “a Geografia Política e a Geopolítica”



Fonte: <https://www.institutoclaro.org.br/>

**Figura 12:** Mapas para uso na proposta “a Geografia Política e a Geopolítica”



Fonte: Suporte Geográfico

A experiência integral para familiarização com as propostas pormenorizadas é praticável por meio do acesso ao *website* no link: <https://luizh91.wixsite.com/plurigeo>. Ressaltamos que as sugestões expostas não estão isentas de adequações posteriores, cabendo ao docente avaliar no que diz respeito ao enquadramento das atividades em sua organização periódica e, se necessário, efetuar adaptações ao seu ritmo de condução das aulas.

Reiteramos que as linguagens de ensino e tecnologias dispostas neste artigo são de baixo custo e obedecem à premissa inicial de usufruir das histórias em quadrinhos da Mafalda como mote para nortear o projeto. Com fundamento no apresentado ao longo deste trabalho, aspira-se que os processos de transposição didática pretendidos sejam exitosos e colaborem não somente para favorecer a rotina do professor, mas também aproximar os estudantes da Geografia enquanto ciência relevante para a composição de uma postura crítica e cidadã.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os argumentos discutidos ao longo do artigo e a apresentação do *website* evidenciam que a Geografia possui uma diversidade considerável de recursos para sala de aula, de forma a acrescentar positivamente para o planejamento docente. Porém, é preciso ponderar que a disponibilidade do material didático se restringe a um pequeno grupo de professores, afinal, a tecnologia não é a realidade presente em incontáveis instituições do ensino do país.

Por este contexto, destacamos que existem obstáculos a serem superados em complexos âmbitos no que diz respeito à educação, contemplando tanto questões de acessibilidade tecnológica e estrutural das escolas quanto de demandas da própria Geografia por inovações que integrem educadores e educandos, fazendo-os compreender a importância do estabelecimento de senso crítico e autônomo para a formação de cidadãos pensantes.

Os bons resultados deste projeto de iniciação científica possibilitaram a iniciativa da Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) em prover a continuidade da pesquisa por outra perspectiva, abrangendo a aplicação do material didático em turmas de oitavo e nono ano. A prática *in loco* das propostas de atividades propiciará possíveis orientações e caminhos para as estratégias didáticas em Geografia, além de suprir as ausências de recursos reclamadas pelos docentes.

A atuação nas escolas irá respaldar o desenvolvimento de novas práticas didáticas envolvendo linguagens de ensino e TICs, promovendo a ampliação das ideias para atividades voltadas a Geografia Política e outros assuntos da ciência geográfica, porém com o retorno dos professores e alunos para servirem como base para futuras construções pedagógicas.

Mais uma vez, ressaltamos que não estamos buscando revolucionar o ensino de Geografia nas escolas brasileiras, mas sim propor alternativas para viabilizar o trabalho dos professores, que por vezes pode ser árduo. A efetiva consolidação da aprendizagem significativa dos estudantes só será válida a começar pela quebra de barreiras que fomentam a complexidade e abstração em torno da Geografia Política e, também, da Geografia Escolar.

## **REFERÊNCIAS:**

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em 25.nov.2022.

CASTRO, I. E. **Geografia e Política: Território, escalas de ação e instituições**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CAVALCANTI, L. S. **O ensino de geografia na escola**. Campinas: Papirus, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, M. T. **Letramento digital e formação de professores.** Educação em Revista. Belo Horizonte, v. 26 n. 3. 2010. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a17>. Acesso em 25.nov.2022

GOTTLIEB, L. **Mafalda vai à escola.** São Paulo: Iglu Editora, 1996.

KENSKI, V. M. O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologia. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). **Didática: o ensino e suas relações.** Campinas, SP: Papirus, 1996.

LACOSTE, Y. **A Geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** 6ª edição. Campinas: Papirus, 2002.

PEREIRA, A. M.O. **A mobilização dos saberes no ato de ensinar e aprender Geografia permeado pelas tecnologias digitais.** Revista Signos Geográficos. Goiânia. V. 2, p. 1-18, 2020.

QUINO, J. L. **Toda Mafalda.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

RAMA, A.; VERGUEIRO, V. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA, E. I. **A linguagem dos quadrinhos na mediação do ensino de Geografia: charges e tiras de quadrinhos no estudo de cidade.** Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

VESENTINI, J. W. **Novas Geopolíticas.** São Paulo: Contexto, 2005.

VILHENA, J.; CASTELLAR, S. **Ensino de Geografia.** São Paulo: Cengage Learning, 2010.